

Discurso, construção dos papéis sociais de gênero e sua expressão em violência: uma análise de Esteban Trueba, da obra *A Casa dos Espíritos*

Marcos Alves de Souza¹⁴

Franciele Regina Demarchi¹⁵

Eduardo Matheus Ferreira Lopes¹⁶

Resumo: Neste artigo, questionaremos os discursos desenvolvidos pela personagem Esteban Trueba, do romance *A Casa dos Espíritos*. A obra da escritora chilena Isabel Allende, retrata diversos episódios de violência que aquela personagem praticara contra sua companheira Clara. Neste estudo disporomos de trechos literais da obra, particularmente aqueles relatados pelo patriarca. Objetivamos demonstrar que a novela é primordial para a compreensão da construção social dos enunciados de violência na América Latina, especialmente para uma análise sob a perspectiva de Gênero no Chile.

Palavras-chave: Violências; Gênero; Patriarcado; América Latina.

Abstract: In this article, we question the narratives developed by the character Esteban Trueba, of the novel *The House of the Spirits*, written by Chilean writer Isabel Allende, relating the episodes of violence that Esteban had engaged directed to his companion Clara. In this study, we will have excerpts of the work *ipsis literis*, particularly those reported by the patriarch. We understand that this creation is of paramount importance for the understanding of the social construction of utterances of violence in Latin America, as well as an analysis from the Gender perspective in Chile.

Keywords: Violence; Gender; Patriarchal society; Latin America.

¹⁴ Doutor em História pela UNESP e professor do Departamento de História da mesma universidade.

¹⁵ Graduada em História pela UNESP e membra do grupo de pesquisa DIVERGENTE – Gênero, Poder e Resistências.

¹⁶ Graduando em Direito pela UNESP e membro do grupo de extensão universitária CEL – Cárcere, Expressão e Liberdade e do Instituto Brasileiro de Ciências Criminais.

Considerações Iniciais

A novela *A Casa dos Espíritos* (1982), da escritora chilena Isabel Allende, através de linhas imersas em um realismo fantástico, narra as histórias de quatro gerações de um mesmo agrupamento familiar, centradas especialmente nas representações femininas das genealogias dos *Del Valle* e dos *Trueba*. Destacamos que as transformações e rupturas político-institucionais e econômicas ocorridas no seio da sociedade do Chile do século XX também são largamente abordadas pela autora, de modo que se interligam às próprias narrativas das mulheres centrais à obra, Nívea Del Valle, Clara, Blanca e Alba Trueba, não por acaso nomes *luminosos* (ALLENDE, 1992, p.283-284) de uma mesma linhagem.

Não parece difícil percebermos, então, que as temáticas relacionadas ao *gênero feminino* serão essenciais à interpretação das tramas relacionadas aos conflitos intergeracionais que constituem o pano de fundo dessa narrativa chilena. Assim, pretendemos destacar, neste trabalho, como essa discussão é suscitada por Allende através da relação de matrimônio de uma das personagens centrais do livro, Clara, e seu cônjuge, Esteban. Trataremos de pensar como se constituirá o discurso do *patriarca* Trueba, sobretudo em momentos específicos de intensa *violência*, notadamente praticada com um viés *de gênero*, não necessariamente em relação a sua esposa.

Para emprendermos tal análise, foi necessário transitarmos por alguns conceitos, mesmo que abordados em linhas gerais, de forma a pensar a obra de Allende como uma narrativa sensível às expressões do *machismo* engendradas no interior da sociedade chilena de meados do último século, que, de certa forma, também ecoaram por outros países da América Latina nesse mesmo período, e além disso.

Já de início, é importante salientar a noção de gênero que consideraremos. De acordo com PISCITELLI, o gênero

[...] em suas versões mais difundidas, remete a um conceito elaborado por pensadoras feministas precisamente para desmontar esse duplo procedimento de naturalização mediante o qual as diferenças que se atribuem a homens e mulheres são consideradas inatas, derivadas de distinções naturais, e as desigualdades entre uns e outras são percebidas como resultado dessas diferenças. Na linguagem do dia a dia e também das ciências, a palavra *sexo* remete a essas distinções inatas, biológicas. [...] as autoras feministas utilizaram o termo *gênero* para referir-se ao caráter cultural das distinções entre homens e mulheres, entre ideias sobre feminilidade e masculinidade. (PISCITELLI, 2009, p.119)

Ao pressupor que *gênero* se vincula a uma expressão sociocultural, introduzimos uma das possíveis definições de *violência de gênero*. Embora, a palavra *violência* seja compreendida vulgarmente como aquilo que oprime, faz uso da força - uma coação - ou até mesmo pode ser considerada como uma ação do que é irascível, a *violência de gênero* supera essa formulação. É utilizada como sinônimo de violência contra a mulher, e trata-se de uma categoria ampla. Aplicada de forma descendente, geralmente, de “homens contra mulheres, pelo uso de ameaças e/ou força física, provoca sofrimentos psicológicos, intelectuais, físicos, sexuais e morais com o objetivo de coagir, humilhar, castigar, submeter, punir” (PUGA, 2015, p. 653). Tais comportamentos serão nitidamente observados no discurso de Esteban Trueba.

Essa violência está arraigada no seio da humanidade desde o mundo antigo, e indubitavelmente delimitou, ao longo dos séculos, o lugar de submissão das mulheres em relação aos homens, marcando seus *papéis sociais*. Embora não haja nada essencialmente masculino ou feminino, os *papéis sociais* ou

*sexuais*¹⁷, como podemos chamá-los, são construídos culturalmente e apreendidos tanto por homens quanto por mulheres. Como exemplo, podemos citar a questão das tarefas domésticas que, desde a infância, são ensinadas e impostas como função específica das mulheres. Já o sustento do lar, sempre fora entendido como uma atribuição do homem e, caso este não o executasse, por quaisquer alegações, sua hombridade seria contestada; deveria ser o *homem da casa*.

Na tentativa de se estabelecer uma linearidade e uma historicidade, analisaremos, ainda, o conceito de *patriarcado*, desde a sua concepção original até a apropriação do termo pelo movimento feminista. RUBIN postula que:

O patriarcado é uma forma específica de dominação masculina, e o uso do termo deveria se restringir aos nômades de comunidades pastoris como as do Velho Testamento, onde se originou o termo, ou a grupos como aqueles. Abraão era um Patriarca - um ancião cujo poder absoluto sobre mulheres, crianças, rebanhos e subordinados era um aspecto da instituição da paternidade, tal como definida no grupo social em que ele vivia. (RUBIN, 1975, p. 14)

Todavia, o sistema patriarcal é hoje entendido não somente como uma dominação masculina intrafamiliar, mas uma evidente submissão social da mulher, notadamente após o surgimento da propriedade privada (ENGELS, 1984. p. 28 a 48). O pensamento feminista da década de 1960 elenca o termo *patriarcalismo* para problematizar as relações de poder e domínio dos homens sobre as mulheres.

Como qualquer fenômeno histórico, a família patriarcal não corresponde a um modelo único de organização familiar, apresentando variações ao longo do tempo e de

¹⁷ A teoria dos papéis sociais prescreve um conjunto de atitudes esperadas para o comportamento individual que refletem conformidade a normas culturais para as posições sociais que se ocupa. cf. PISCITELLI, 2009, p. 127-128.

acordo com o lugar, porém mantendo sempre a superioridade e o poder do patriarca em relação aos seus outros membros. E esse poder masculino não se limita ao espaço doméstico, mas se reflete na forma de organização da sociedade como um todo (LIMA; SOUZA, 2015, p. 517).

Como se observa, o *poder* do qual tratamos não se refere a um preceito unitário e estável, mas a um fenômeno relacional entre indivíduos, construído, também, a partir de resistência, indissociável da noção de *saber*. (FOUCAULT, 1999, p. 26).

Nas relações de *poder* entre parceiros, objeto de nossa análise, é admissível atribuir o fator *força-potência-dominação* como o causador das inúmeras violências possíveis, dentre elas sexuais, psicológicas, físicas e etc. (SAFFIOTI, 2015, p. 79). O que se questiona é a conformidade social tangente às associações entre *violências* e *poder patriarcal*, e é preciso atenção na análise das atitudes viris consentidas como dóceis. A partir dessas premissas ligadas ao campo de estudo *Gênero*, é que analisaremos, mais adiante, a figura da personagem central de *A Casa dos Espíritos*.

Uma leitura de *A Casa dos Espíritos* desde a história chilena

Consideremos, então, como tais questões se encontram evidenciadas no interior de *A Casa dos Espíritos*. As histórias são contadas através de uma série de relatos compilados em basicamente duas narrativas: a de quem sabemos, desde meados do livro, ser do patriarca Esteban, com suas recordações até pouco antes de sua morte; e de Alba, sua neta, que tece sua visão da história especialmente a partir dos relatos de sua avó, Clara, e de sua mãe, Blanca. Contudo, podemos entender que a jovem também desempenha papel de narradora da novela somente em suas últimas linhas.

Nívea e Severo Del Valle, dotados de uma extensa prole, recebem de Esteban, então jovem e ambicioso, com toda uma vida a se construir, o pedido de casamento para uma de suas belas

filhas, Rosa. Mesmo relutantes, os genitores acabam por aceitar as condições do pequeno Trueba, que partiria para as minas de ouro a fazer fortuna para se casar com sua prometida (ALLENDE, 1992, p. 5).

Entretanto, antes mesmo de seu regresso à capital, Esteban recebe a notícia de que Rosa falecera. O motivo: acredita-se que fora envenenada no lugar de seu genitor, por membros de um partido político rival aos tradicionais Del Valle (ALLENDE, 1992, p. 29). Já de volta ao centro da trama, o empreendedor recebe surpreendente investida de outra das filhas do casal, Clara, que fora arrebatada pelo rapaz assim que o avistara, ainda nos tempos de criança. Novamente, apesar de relutantes, os genitores aprovam a união (ALLENDE, 1992, p. 94-95).

Agora, o momento é de Esteban retornar a uma antiga propriedade rural da família, *Las Tres Marias*. Abandonada pela aparente baixa produtividade, este ambiente *sem lei*, é cercado de relações violentas e animalizadas, especialmente as que se desenvolvem *verticalmente* entre o patriarca, *el patrón*, e seus empregados.¹⁸ No entanto, isso não parece obstáculo a Trueba, que em poucos anos transforma aquele antigo pedaço de terras enjeitadas em um dos mais produtivos latifúndios do país (ALLENDE, 1992, p. 55).

A figura do homem de negócios, encarnada por Esteban, logo atrai olhares dos altos dirigentes do Partido Conservador, que o convidam à campanha para o Senado. A empresa moral que supostamente representava era o que se esperava dos típicos quadros da direita do Chile. Sem qualquer espanto, é eleito (ALLENDE, 1992, p. 243.).

Contudo, é particularmente nesse momento chave em que se agudizam as ações violentas experimentadas por Clara Trueba junto a seu esposo. Por certo, esses episódios serão analisados com

¹⁸ Compreendemos melhor o uso do termo em língua espanhola *patrón*, especialmente por sua estreita conexão com a ideia de *patriarcado*, em português, em SMITH, 2008, p. 82, tradução livre.

o merecido vagar, mas devemos salientar que não somente o processo de ascensão econômica é marcado pela hostilidade de Esteban, mas também a manutenção de seu *status* político-partidário junto à República. Blanca, filha do pouco sadio casamento, é obrigada a se casar com Jean de Satigny, conde francês que despertara a curiosidade da burguesia da Capital por suas maneiras poucos convencionais de ganhar a vida e por seus costumes europeus (ALLENDE, 1992, p. 207).

A necessidade de se celebrar esse matrimônio decorre da notícia da gravidez de Blanca (ALLENDE, 1992, p. 265). O pai da vindoura neta dos Trueba, o questionador Pedro Terceiro Garcia, é neto de um ancião de *Las Tres Marias* dado às atividades de cura e aconselhamento, especialmente dos empregados da família, sempre carentes de atenção e cuidados médicos. Seu pai, Segundo Garcia, era uma espécie de braço-direito do *patrón*, cuidava dos assuntos do campo na ausência do mesmo. Talvez por esse motivo a criança seria tão inaceitável a Esteban.

Pouco mais de uma década se passa. Cresce um sentimento em toda América Latina, e de forma semelhante no Chile retratado por Allende, de abolição de qualquer forma ligada ao marxismo (ALLENDE, 1992, p. 321) e de ideias a ele correlatas (ALLENDE, 1992, p. 330-331). Tal posicionamento, inclusive, é reforçado por Trueba em diversas passagens do texto. As políticas e práticas de esquerda são vistas como inimigos a serem combatidos, extirpados. Na esteira desse imaginário, ocorre drástico golpe de Estado naquele país, certamente apoiado pelo Senador do Partido Conservador, em desfavor do Presidente legalmente eleito. cujo nome não se menciona no texto, mas que interpretamos ser Salvador Allende, familiar da própria autora (ALLENDE, 1992, p. 397).

Paralelamente, a neta Alba intensifica suas ações de insurreição contra o regime recém-assumido (ALLENDE, 1992, p. 410-411). Esse fato culmina em sua prisão por motivos políticos, mesmo sob o manto de uma família com nome honroso naquela sociedade (ALLENDE, 1992, p. 436). No cárcere, por sua

irresignação, é duramente torturada e violada, especialmente pelo militar Esteban Garcia (ALLENDE, 1992, p. 444). Percebemos, posteriormente, que tal figura é importante na novela por se tratar de mais um neto tido como bastardo de Trueba, fruto da violência que praticara no passado. Após articular com seus contatos, especialmente a prostituta Tránsito Soto, Trueba obtém sucesso em resgatar sua neta das mãos do regime que já lhe perdera a simpatia (ALLENDE, 1992, p. 456).

Pensemos sobre este período da República do Chile. Exponente político e então senador pelo Partido Socialista, Salvador Allende concorrera à Presidência por três vezes antes de sua efetiva eleição: nos anos de 1952, 1958 e 1964, no período que retomamos a denominação de *democratização restrita* (AGGIO, 1993, p. 78 a 80). No primeiro ano da década de 70, através da coalizão Unidade Popular (UP), é eleito Presidente do Chile, com um projeto político socialista e democrático (AGGIO, 1993, p. 15 a 16).

Logo após a eleição, e antes da posse do Presidente-eleito, já se sabe das intenções dos setores dominantes de impedirem a transmissão presidencial. Ou seja, antes mesmo da implementação de qualquer política de governo, já percebemos a disputa de discursos e de projetos no Chile (AGGIO, 1993, p. 110). Já no curso do mandato, as políticas de nacionalização do cobre e implementação da reforma agrária tocam em pontos sensíveis às elites locais, tal como se representa em Esteban Trueba, sinalizando para aquilo que o imaginário conservador considerou a implantação de um regime efetivamente comunista (AGGIO, 1993, p. 117).

A autora relata o comportamento em uma passagem:

Las Tres Marias foi um dos últimos latifúndios que a reforma agrária expropriou no Sul. Os mesmos camponeses que tinham nascido e trabalhado ao longo de gerações naquela terra, formaram uma cooperativa e assenhorearam-se da propriedade, porque fazia três anos e cinco meses que não viam o patrão e tinham esquecido o

furacão das suas cóleras. O administrador, atemorizado pelo rumo que tomavam os acontecimentos [...] (ALLENDE, 1992, p. 362).

Entretanto, é em outubro de 1972 que o governo Allende sofre com sua principal crise. Articulada pelos setores patronais, com apoio externo, os transportadores de mercadorias iniciam um movimento de *lock-out*. (ALLENDE, 1992, 375 a 377; AGGIO, 1993, p. 139). Enfim, em setembro de 1973, o General Augusto Pinochet, por meio de um golpe militar, logra a derrubar o governo da esquerda e instaura a Ditadura no Chile (AGGIO, 1993, p. 152).

Acreditamos, contudo, que a tomada do poder institucional não é fruto de um projeto isoladamente econômico ou social. Sustentamos que se trata também de um empreendimento moral, *heteronormativo* e *patriarcal*¹⁹, com evidente viés autoritário em relação aos avanços feministas no Chile (MACMANS, 2011, p. 31).

Esteban Trueba

O método qualitativo foi fundamental para o questionamento do texto literal da autora Allende em *A Casa dos Espíritos*. Detivemo-nos, especialmente, aos trechos em que o narrador é o *patriarca* Esteban Trueba. Tal opção não ocorre por acaso. Acreditamos que o modo em que estabelece suas narrativas é essencial para demonstrarmos, como retomaremos no tempo adequado, as características violentas desta personagem. Ademais,

um estudo minucioso do estilo de narrativa de Esteban revela as lacunas que guarda, devido à sua idade, mas mais significativamente devido à sua memória seletiva e sua releitura do que ocorrera. Ele admite, repetidamente,

¹⁹ A *heteronormatividade* e as opressões de gênero construídas no seio do *patriarcado* não se sobrepõe, mas se constroem em transversalidade. Sobre esse tema, cf. MOLINIER; WELZER-LANG, 2009, 101-106.

que “mais da metade de um século se passou”, reconhecendo que sua memória é, portanto, desfocada. Além disso, em alguns momentos, precisa confiar em terceiras-pessoas, testemunhas dos fatos, como é o caso relativo à morte de sua noiva, Clara. (SMITH, 2008, 81 p, tradução livre).

Foram selecionadas três passagens da novela, notadamente, das relações entre Esteban e Clara: I) na situação em que o esposo deliberadamente pratica *violência psicológica* ao quebrar objetos decorativos de sua casa; II) quando narra investidas libidinosas a sua esposa, entendidas como nítidas experiências de *violência sexual*; e III) em momento logo após uma *agressão física* a Clara, narrando como se sucedera. (ALLENDE, 1992, p. 123-124; 192 a 195; e 217). Por certo, sabemos que não são as únicas manifestações do machismo no discurso ou nas ações de Trueba. Apenas restringimos nossa observação aos episódios acima elencados, para efeitos de análise.²⁰

O primeiro episódio versa sobre uma *violência psicológica* vivenciada por Clara. Um dia antes do nascimento dos gêmeos do casal, Clara, *clarividente*, pressagia o parto dos filhos e informa os nomes que receberão. Esteban, que até o momento gerou apenas uma filha, sem contar os inúmeros bastardos gerados pelas violações às jovens de *Las Tres Marias*, esperava que Clara lhe desse um filho no qual pudesse colocar seu nome. Ao enunciar que os nomes escolhidos eram Jaime e Nicolás, Trueba irrompe em fúria. Vejamos:

Aquilo foi demasiado para mim. Suponho que estourei pela pressão acumulada nos últimos meses. *Fiquei furioso, disse que eram nomes de comerciantes estrangeiros, que ninguém se chamava assim na minha família, nem na sua, que*

²⁰ Por exemplo, é possível perceber o tom do violento Esteban Trueba em momentos narrados por sua neta Alba, quando relata sua *violação* a Pancha Garcia, avó de seu futuro carrasco no cárcere Esteban Garcia, cf. ALLENDE. 1992, p. 60-62, ou ao comentar sobre os *papéis sociais e sexuais* das mulheres na sociedade chilena da época, sua ascensão e suas lutas, cf. ALLENDE, 1992, p. 71.

pelo menos um devia chamar-se Esteban, como eu e como meu pai, mas Clara explicou que os nomes repetidos criavam confusão nos cadernos da vida e manteve-se inflexível na sua decisão. *Para a assustar, parti com um murro um jarrão de porcelana que, julgo eu, era o último vestígio dos tempos faustosos do meu bisavô, mas ela não se comoveu* e o doutor Cuevas sorriu por detrás da chávena de chá, o que me indignou ainda mais. Saí batendo com a porta, e fui ao Clube.

Nessa noite embebedei-me. Em parte, porque precisava disso e em parte por vingança, fui ao bordel mais conhecido da cidade, que tinha um nome histórico. Quero deixar claro que não sou homem de prostitutas e que só nos períodos em que me foi dado viver sozinho por longo tempo recorri a elas. (ALLENDE, 1992, p. 123-124).

Observamos no trecho a justificativa da *violência* apresentada pelo próprio Trueba. O argumento de Esteban se constrói a partir de uma suposta tradição: a escolha dos nomes dos filhos homens. Essa seria uma atribuição, um *papel social* do pai, assim como ocorrera consigo. Na esteira desse pensamento, percebemos que a recusa aos “nomes de comerciantes estrangeiros” também se dava pelo fato de que *el patrón* tinha por desejo a manutenção de um *status quo*, de um legado de nomes e homens que demonstram *potência, poder, virilidade*. Materializa-se essa ideia em uma dupla herança: os cuidados à propriedade de *Las Tres Marias* e o próprio uso do nome de seu pai, que também viera a ser seu, no futuro filho.

Ao ver seu desejo contrariado, em uma nítida forma de *resistência* de Clara, Esteban quebra um antigo objeto de família na intenção de “assustar” a esposa, reforçando sua *dominação* por meio da violência. Finalmente, o marido retoma um ato de “vingança” praticado por ocasião do desentendimento: uma traição. Isso demonstra certo aspecto do caráter *patriarcal* desta personagem, que não só almejava o controle de seus negócios, mas de sua esposa e de sua família (SMITH, 2008, p. 81, tradução livre)

A violência aqui questionada refere-se à uma intimidação de Esteban para com Clara. Retomando os conceitos supracitados de *violência de gênero*, ameaças de agressão e danos à objetos pessoais são compreendidos como *violências psicológicas*. (SCHRAIBER, 2005, p. 38.) Embora exercidas de forma indireta, pretendem causar terror à vítima, que por sua vez, é incentivada, por meio de periódicos constrangimentos, a entender esse processo como usual, banal (SCHRAIBER, 2005, p. 123).

Em sequência, o segundo episódio evidencia uma situação de expressa *violência sexual* experimentada pela personagem. Também em decorrência do que havia sofrido, cada vez mais, Clara recrudescia em seu relacionamento com Esteban. Entretanto, essa situação era vista pelo *patriarca* como verdadeiro teste aos seus “instintos masculinos”, especialmente ao exercício de sua sexualidade. Dessa forma, Esteban acredita, pretensamente, que ao estimular ou forçar qualquer espécie de ato sexual, poderia reaproximar o casal ou ao menos o satisfaria em seus desejos.

É nítida a maneira como Esteban entende a relação sexual: uma mera satisfação de seus prazeres individuais; embora em outras passagens da obra tenha se referido a fazê-lo para conceder prazer a Clara, é na citação abaixo que demonstra ser um homem *viril*, chegando a utilizar a expressão “cavalgar uma égua”, para representar a prática sexual, a certa altura. Leiamos um trecho:

Creio que as pessoas tinham medo de mim. Até a própria Clara, que nunca tinha temido o meu mau gênio, em parte porque eu tinha o cuidado de não o dirigir contra ela, andava assustada. Vê-la com medo de mim punha-me frenético. [...]

Na realidade, muito poucas vezes estávamos de acordo em alguma coisa. *Não creio que a culpa de tudo fosse o meu mau gênio, porque eu era um bom marido, nem sombra do estoura-vergas que tinha sido em solteiro. Ela era a única mulher para mim. E ainda o é. [...]*

Não sentia a tentação de procurar outras. *Recordo que começava a assediá-la ao cair da noite.* De tarde ela sentava-se a escrever e eu fingia saborear o cachimbo, mas na realidade estava a espiá-la pelo canto do olho. Logo que eu calculava que se ia deitar – porque começava a limpar o aparo e a guardar os cadernos - adiantava-me. Ia a coxear até à casa de banho, arranjava-me, vestia um roupão de felpa episcopal que tinha comprado para a seduzir, mas que ela nunca pareceu dar conta da sua existência, ficava de ouvido colado à porta e esperava-a. Quando a ouvia avançar pelo corredor, assaltava-a. *Tentei tudo, desde cobri-la de carícias e presentes até ameaçá-la de deitar a porta abaixo e moê-la com bengaladas, mas nenhuma dessas alternativas resolvia o abismo que nos separava. [...]*

Estava na idade em que se necessita ajuda e ternura para fazer amor. Tinha ficado velho, porra! (ALLENDE, 1992, p. 192 a 195).

Percebemos neste fragmento uma série de manifestações que associadas englobam a prática de atos sexualmente violentos. Desde o *voyeurismo*, que percebemos com o ato de Esteban ao espionar sua esposa às escondidas, perpassando mais um episódio de *violência psicológica* ao ameaçar “deitar a porta abaixo” do quarto de Clara. Esteban interpreta explicitamente a relação sexual como um meio de obtenção solitária de prazer, no qual o gozo mútuo não é finalidade. Finalmente, esta acaba por ser a própria visão do senador sobre o casamento: uma forma de se manter uma convenção social largamente utilizada, qual seja, do *matrimônio*, gerar filhos *legítimos*, e gerar prazer. (RUEDA GUTIERREZ, 2009, p. 52.)

Recuperando o conceito da violência de gênero já enunciado, pelo propósito de coagir e submeter, a *violência sexual* consiste, de forma geral, no uso de expressões verbais e/ou corporais não desejados, toques e carícias não aceitos e relações sexuais forçadas. Esta última, maior receio das vítimas, faz parte de uma cultura *patriarcal* de dominação. O homem possui

domínio sobre o corpo da mulher e faz uso dele a seu bel-prazer porque a sociedade assim o conforma.

No tocante ao contexto chileno, percebemos que a força de instituições conservadoras, especialmente, neste espaço temporal de meados do século XX, não atua de forma diferente; pelo contrário, as relações de opressão e, notadamente, de silenciamento em relação a estas, pareciam cíclicas e naturais, como se depreende lendo tanto as linhas iniciais quanto as finais da novela *A Casa do Espíritos*.

Deu-se conta demasiado tarde, pelas salpicadelas de sangue no vestido, que a jovem era virgem, mas nem a humilde condição de Pancha, nem as oprimidas exigências do seu apetite lhe permitiram ter contemplações. Pancha Garcia não se defendeu, não se queixou, não fechou os olhos. Ficou de costas, olhando o céu com uma expressão espavorida, até que sentiu o homem [Esteban Trueba] que caía com um gemido a seu lado. Então começou a chorar suavemente. Antes dela a sua mãe, antes da sua mãe a sua avó tinham sofrido o mesmo destino de cadela. (ALLENDE, 1992, p. 57-58).

Suspeito que tudo o que aconteceu não é fortuito, mas que corresponde a um destino traçado antes do meu nascimento e que Esteban Garcia é parte desse desenho. É um traço rude e torcido, mas nenhuma pincelada é inútil. No dia em que o meu avô derrubou nos matagais do rio a sua avó, Pancha Garcia, acrescentou outro degrau a uma cadeia de factos que se deviam cumprir. Depois, o neto da mulher violada repete o gesto com a neta do violador e dentro de quarenta anos, talvez o meu neto viole a sua nas matas do rio e assim, pelos séculos vindouros, numa história infundável de dor, de sangue e amor. [...] Em alguns momentos tenho a impressão de que já vivi isto e que já escrevi estas mesmas palavras, mas compreendo que não sou eu, mas outra mulher, que escreveu nos seus

cadernos para que eu viesse a servir-me deles. (ALLENDE, 1992, p. 439).

Finalmente, a terceira passagem de ações violentas de Esteban Trueba só pode ser entendida, então, com a observação em paralelo da narrativa desenvolvida pela primeira narradora da obra, sua neta Alba, e de seu relato logo posterior ao que ocorrera. Desta forma, discutiremos o episódio em que o patriarca desfere um soco em sua esposa, entendido então como clara atitude de violência física que, em seguida, pretende justificar:

Trueba olhou-a, imobilizado pela surpresa. Por um instante a sua ira pareceu esvaziar-se e não quis acreditar no que ouvia, mas imediatamente uma onda de sangue subiu-lhe à cabeça. *Perdeu o domínio e desferiu um murro na cara da mulher, atirando-a contra a parede. [...]*

Pedro Tercero Garcia tinha toda a culpa do que se havia passado. Por culpa dele Blanca tinha saído de junto de mim, por causa dele eu tinha discutido com Clara, por causa dele Pedro Segundo tinha saído da propriedade, por causa dele os caseiros olhavam-me com receio e cochichavam nas minhas costas. (ALLENDE, 1992, p. 215; 217).

Ponderamos que a violência, fruto de um sopesamento desproporcional das relações de poder, certamente causado pelo *mecanismo de opressão*, que é o *machismo*, nada mais é, do que uma criação *sociocultural* e, dessa forma, não se encontra imanente nas definições de homem. A *masculinidade*, portanto, só pode ser entendida quando a pensamos de forma plural, tal qual, no momento que pensamos as mulheres. Dessa forma, acreditamos que suposições *naturalistas*, ou seja, que atribuem a violência, especialmente a física, à *virilidade*, despolitizam o debate a ser travado sobre esse sistema de dominação. (SCHRAIBER, 2005, p. 58 a 66).

Como já pontuamos, as significações apresentadas partem de definições atuais. Contudo, as violências perpetradas são históricas e fogem aos moldes temporais, pois advêm de uma construção social. De fato, o vivido por Clara, notoriamente, é

entendido como *violência física*. Para a análise dos episódios anteriormente descritos, ainda consideramos a noção de *violência doméstica*, e entendemos que este ambiente propicia o maior silenciamento da vítima, bem como evidencia as desigualdades na relação entre homens e mulheres, ou seus *papéis sociais* de dominação *versus* submissão, imersas no *patriarcado*.

Considerações Finais

As práticas e costumes conservadores da personagem Esteban Trueba, desde sua atuação no Senado, seus mandos enquanto proprietário em *Las Tres Marias* e suas relações com as mulheres, precisam ser lidas enquanto figuras que caracterizam o sistema do *patriarcado*.

Na personagem de Esteban Trueba, para resumir, encontramos dois discursos quando falamos sobre o poder. Por uma parte está o uso da força física, do qual se vale tanto para impor a sua vontade como para silenciar todo tipo de resistência; ademais, há o discurso da fortuna obtida através do trabalho, o que permite a ele selecionar entre os que devem deter o poder e os que devem ser governados; discursos que, por certo, não resultam de todo modo invariáveis, não se mostra ao menos no que diz respeito o primeiro, como nos mostra a novela. (RUEDA GUETIERREZ, 2009, p. 35-36, tradução livre).

Entendemos, contudo, que é preciso demarcar a existência de um terceiro *discurso* de poder relacionado a Trueba. Ante tudo o que fora exposto, apresentamos a hipótese de que as relações de gênero, especialmente as desenvolvidas por meio das violências típicas desta personagem, compõem também esse centro de poder. Esteban não reconhece, e pretende em seu discurso, que também não conheçamos, as consequências negativas de todos os seus atos. Finalmente, a construção de sua personagem e de seu discurso dão forma às ideologias do *patriarcado*, do *capitalismo*, da

dominação e de uma *memória histórica* enviesada. (SMITH, 2008, p. 84, tradução livre).

Concebemos, então, que a ruptura democrática percebida no governo de Salvador Allende, no Chile, acabou por lançar mão de uma série de artifícios repressivos, amplamente retratados na novela *A Casa dos Espíritos*, que afetou sobremaneira as mulheres. Novamente, importa assinalar que os estudos de *Gênero* são essenciais à óptica dessa questão. A figura do general Augusto Pinochet, na condução do regime ditatorial *hipermasculino* no Chile (1973-1990), codificou construtos sociais de gênero *patriarcais* e *heteronormativos*, os quais foram amplamente reproduzidos nos campos de concentração que por aquele país foram construídos. Não é difícil pensarmos que as dinâmicas de *poder* exercidas reproduziam *violentamente* tais preceitos nos torturados e prisioneiros políticos. (MACMANUS, 2011, p. 149)

Neste trabalho, buscamos conferir cores aos traços delineados de Esteban Trueba. Por certo, esta análise se deteve em uma obra centrada nas experiências de opressão e possibilidades de resistências de mulheres na América Latina, que em meados do século XX, fizeram oposição não somente aos regimes políticos autoritários, mas às instituições de *poder* mais amplas e fortemente enraizadas nas coletividades latinas, como o *machismo*, o qual aqui representamos pelo modo de atuação do *patriarcado*.²¹ Essa insurreição feminina e *feminista* não se deu somente através de duras e grandes manifestações de massa, nas ruas e nos púlpitos. Praticada pela autora Isabel Allende e suas personagens, Clara, Blanca e Alba, e uma infinidade de mulheres *invisibilizadas* por sua condição de *submissão*, tais sublevações cotidianamente se formam e criam novas possibilidades e oportunidades de viver para mulheres latino-americanas, longe das *violências* que outrora as cercaram.

²¹ Diversas obras certamente inspiraram e colaboraram com a produção deste artigo e poderão garantir profundidade às inquietações que objetivamos levantar. Especialmente, cf. PEDRO, 2010, p. 115-137.

Referências

AGGIO, Alberto. **Democracia e Socialismo**: a experiência chilena. São Paulo: Editora da UNESP, 1993.

ALLENDE, Isabel. **A Casa dos Espíritos**. 14. Ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 1992.

ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. 9. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: Nascimento da prisão. 20. Ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

LIMA, Lana Lage da Gama; SOUZA, Suellen André de. Patriarcado. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio (orgs.). **Dicionário Crítico de Gênero**. Dourados: Editora da UFGD, 2015. p. 515-520.

MACMANUS, Viviana Beatriz. **Gendering the State of Exception**: The Politics of Gender and the production of Language in Latin American Carceral Narratives. Dissertação (Doutorado em Literatura) - University of California, San Diego, 2011.

MOLINER, Pascale; WELZER-LANG, Daniel. Feminilidade, masculinidade e virilidade. In: HIRATA, Helena [et al.] (orgs.). **Dicionário Crítico do Feminismo**, São Paulo: Editora da UNESP, 2009, p. 101-106.

PEDRO, Joana Maria. Narrativas do Feminismo em países do Cone Sul (1960-1989). In: PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Sheibe. **Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul**. Florianópolis: Ed. das Mulheres, 2010, p. 115-137.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, Heloísa Buarque de; SZWARKO, José Eduardo (orgs.). **Diferenças, Igualdade**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009, p. 116-149.

PUGA, Vera Lúcia. Violência de Gênero/Intolerância. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio (orgs.). **Dicionário Crítico de Gênero**. Dourados: Editora da UFGD, 2015, p. 651-654.

RUBIN, Gayle. **O Tráfico de Mulheres**. Notas sobre a 'Economia Política' do sexo. Tradução de Christine Rufino Dabat, Recife: SOS Corpo, 1993.

RUEDA GUTIERREZ, Ricardo Javier. **La Relación Sexo-Poder en el personaje Esteban Trueba**: una aproximación desde la lectura a Foucault. Monografía (Graduação em Filosofia) - Universidad Industrial de Santander, Escuela de Filosofía, Bucaramanga, 2009.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, Patriarcado, Violência**. 2. Ed. São Paulo: Expressão Popular/Fundação Perseu Abramo, 2015.

SMITH, Kathryn. Telling (T)he(i)r Story: The Rise of Female Narration and Women's History in Isabel Allende's *The House of Spirits*. In: **FLORIDA ATLANTIC COMPARATIVE STUDIES JOURNAL**. Vol. 11, 2008-09, p. 79-92.

SCHRAIBER, Lilia Blima (et al.). **Violência Dói e Não É Direito**. A violência contra a mulher, a saúde e os direitos humanos, São Paulo: Editora da UNESP, 2005.

Recebido em 01/11/2016.

Aceito em 25/01/2017.